

“Luta, resistência e conquista”: a extensão universitária no Ponto de Memória da Estrutural, Distrito Federal

Silmara Küster de Paula Carvalho¹
DOI 10.26512/museologia.v8i16.27327

310

MUSEOLOGIA & INTERDISCIPLINARIDADE Vol. 8, n.º 16, Jul./ Dez. de 2019

Resumo

O presente artigo aborda uma síntese da extensão universitária iniciada em 2011 e conduzida pelo Curso de Museologia da Universidade de Brasília no Ponto de Memória da cidade Estrutural, Distrito Federal. Tece a experiência vivenciada, chamando a atenção para a importância de ampliar o olhar para uma museologia conectada com a vida. Apon-ta aspectos do contexto urbano diante dos problemas sociais evidenciados a partir da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD-2015) e da Universidade de Brasília. Apresenta iniciativas de memória anteriores à fundação do Ponto de Memória propriamente dito, os desafios encontrados e as ações mu-seais realizadas desde essa fundação.

Palavras-chave:

Museologia Social. Ponto de Memória. Con-servação Participativa.

Abstract

The present paper addresses the synthesis of a university extension –which began in 2011, conducted by the University of Brasilia Mu-seology Course at the Memory Point of the Federal District town known as Estrutural. It traces living experiences, drawing attention to the importance of broadening horizons towards a museology connected to life. It hi-ghlights aspects of the urban context given the social problems seen in the District Hou-sehold Sample Survey (PDAD-2015) and the University of Brasilia research. It presents me-mory initiatives from before the foundation of the Memory Point itself, the challenges en-counterred and the museum activities carried out since its foundation.

Keywords:

Social Museology. Memory Point. Participa-tory Conservation.

Introdução

O IV Seminário Brasileiro de Museologia (SEBRAMUS), ocorrido em Brasília com o tema “Democracia: desafios para a Universidade e para a Mu-seologia” trouxe inúmeras contribuições de professores e pesquisadores do campo da museologia que vieram ao encontro do que acreditamos e realizamos na Museologia Social. “Museologia, Patrimônio e Resistência”, tema da mesa que participei e do qual este artigo se desmembra, está na ordem do dia diante do contexto em que vivemos. Em uma das palestras que me antecederam, o indígena Suzenilson da Silva Santos, representante do Museu Indígena Kanindé em Aratuba-CE, ressaltou em suas considerações que “um museu comunitário se constrói com o Nós”. Naquele momento fiz uma breve avaliação sobre a luta assumida por uma museologia conectada com a vida. Tomei a liberdade de acrescentar a importância de ser considerado nesta construção do “Nós e em comunidade”, a percepção também das nossas referências individuais e emocio-nais a agir em comunidade.

Outrossim, não basta o acesso periférico ao conhecimento possuído permanecendo na esfera somente da informação e comunicação; é importante

¹ Doutoranda em Sociomuseologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa. Professora do Curso de Museologia da Universidade de Brasília.

que a museologia e toda essa riqueza que ela tece sejam também construídas em nosso interior, sejam sentidas, experienciadas, vivenciadas. Certamente que esse processo exigirá uma reflexão profunda sobre as nossas práticas na museologia ou estaremos às margens, sem conseguir adentrá-la. Para tal é necessário mudar a mentalidade e ver além.

Conforme a Declaração MINOM Rio 2013², o grande desafio da Museologia Social é “descolonizar o pensamento” para rompermos com os paradigmas reducionistas ainda presentes em nossa forma de ver e agir no museu, na museologia e no mundo. A mesma declaração reafirma os princípios norteados na Declaração de Santiago do Chile de 1972 e no Ateliê Internacional Ecomuseus – Nova Museologia de 1984, em Quebec, Canadá, além de compreender “os museus comunitários como processos políticos, poéticos e pedagógicos em permanente construção e vinculados a visões de mundo bastante específicas”. Cabe destacar que tais processos são evidentes nas ações museais do Ponto de Memória da Estrutural/DF.

A área de especialidade e docência em que atuo na museologia é a conservação voltada somente ao objeto material propriamente dito, totalmente diferente da percepção da ação de uma conservação participativa e ampla, notadamente preconizada na Museologia Social. Acessá-la e vivenciá-la junto às comunidades por meio do projeto extensionista do Curso de Museologia da Universidade de Brasília (UnB), o Ponto de Memória da cidade Estrutural no Distrito Federal, foi extraordinário, uma vez que me propiciou compreender as infindáveis possibilidades da museologia. Por este motivo, a emoção locupleta o momento, uma vez que ao ampliar a possibilidade de realizar uma museologia não somente centrada no objeto em si, mas conectada com a vida, também nos transformamos, fazemos autoconhecimento e aprendemos. Aqui revisitamos a importante reflexão de Mario Chagas (2017): “uma museologia que não serve para a vida, não serve pra nada”³. É a partir deste chamamento que continuamos a nossa jornada no Ponto de Memória da Estrutural. Em sentido oposto, ao trabalharmos uma museologia que não serve para a vida estamos contribuindo para uma necromuseologia.

No decorrer da ação extensionista, observei que os gestores do Ponto de Memória adotavam rodas de conversa para resolver as situações-problema identificadas. Entre intensos debates, retomados inúmeras vezes, na maioria dos casos chegava-se a um consenso. Observei proximidade com a metodologia da pesquisa-ação, já apresentada nas Ciências Sociais, adotando-a posteriormente na condução das atividades extensionistas. Para Thiollent (2007) a pesquisa-ação é:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (Thiollent, 2007, p. 16)

“Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquista” foi o tema da

2 XV Conferência Internacional do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), realizada no Rio de Janeiro, Museu da República, Museu da Maré e Museu de Favela em 2013. Disponível online <http://www.minom-icom.net/files/declaracao-do-rio-minom.pdf>, acesso em 26 set 2019.

3 Palestra abertura do VII Seminário de Investigação em Sociomuseologia, ocorrido em fevereiro de 2017 na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em Lisboa, Portugal.

“Luta, resistência e conquista”:

a extensão universitária no Ponto de Memória da Estrutural, Distrito Federal.

primeira exposição que inaugurou o Ponto de Memória da Estrutural em maio de 2011, que inspirou o fio condutor desta breve reflexão.

I. O contexto da cidade Estrutural DF

Segundo o Governo do Distrito Federal (GDF), na década de 1990 aproximadamente 100 famílias se estabeleceram próximo a um lixão, e no desmembramento desta invasão nasceu a Cidade Estrutural, atual Região Administrativa XXV (SCIA) do Distrito Federal, situada às margens da Via Estrutural, DF 095, a 15 quilômetros do centro do poder político na cidade de Brasília, Distrito Federal. O Lixão da Estrutural é o maior da América Latina e teve início em meados da década de 1960, período em que chegaram os primeiros moradores naquele local; eles buscavam no lixo alguma alternativa de sobrevivência.

Figura 1 – 15 km separam o Congresso Nacional do Lixão de Brasília



Fonte: Google Earth Pro

Área periférica da capital do país, possui condições inapropriadas de saneamento básico, educação, saúde, segurança e infraestrutura. A cidade cresceu em meio a “luta, resistência e conquista”, muitas vezes com interferências nefastas de ordem política por meio da troca de votos por terra, especulação imobiliária, invasões e ocupações⁴.

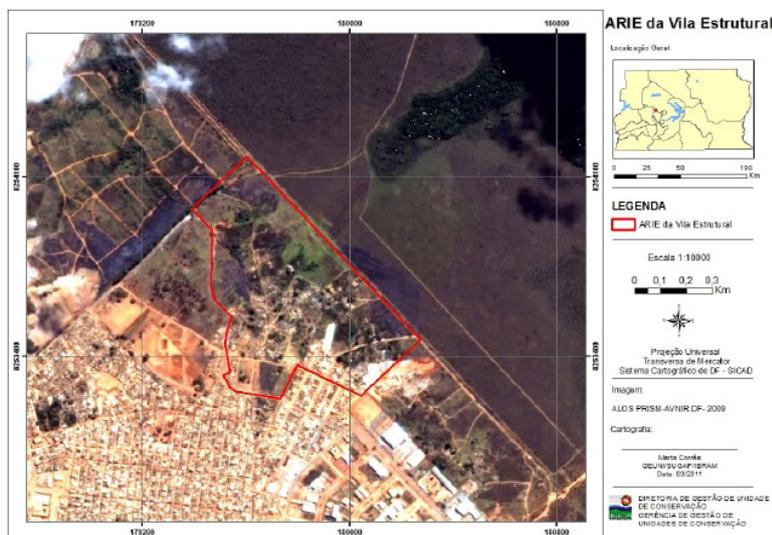
A Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD-2015) realizada pelo Governo do Distrito Federal (GDF), demonstrou que a população urbana da cidade em 2015 era de 39.015 habitantes. Dentre os tópicos abordados — trabalho, segurança, escolaridade e saúde —, no que se refere à escolaridade a

4 Há uma diferença entre invasão e ocupação. Considera-se «invasão» quando a pessoa já possui casa própria ou tem condições de manter um aluguel e invade a terra pública. Já a «ocupação» é pela pessoa que não tem lugar para morar, nem para se alimentar, reconhece que a terra é pública e sem alternativa faz a ocupação. Caso resista no local, a única possibilidade de ser proprietária desta terra é através do usucapião. O que ocorreu na cidade Estrutural após a ocupação dos catadores por 20 anos foi a invasão estimulada por fatores políticos e especulação imobiliária. Várias pessoas que chegaram na cidade Estrutural depois dos catadores invadiram as terras públicas, pois já tinham lotes e casas construídas em outros locais. Pessoas ou grupos com interesses individuais sobrevivem nestes locais, graças à legitimidade da maioria que realmente precisa. Uma prática observada na cidade Estrutural é que há alguns políticos que tem lotes em vários locais no DF, fomentam uma luta por terra e moradia, instigam pessoas que realmente precisam e se beneficiam da luta.

pesquisa concluiu que 45,21% da população não finalizou o ensino fundamental, 16,60%, o ensino médio, e apenas 1,53% dos habitantes possui nível superior. Há uma grande mobilidade de migrantes para a cidade Estrutural, tendo em vista a busca de melhores condições de vida. Conforme destacou Caroline Soares Santos (2012), o censo realizado em 2011 pela Universidade de Brasília, especificamente com catadores de materiais recicláveis em 204 domicílios, apontou que 80% dos chefes de família são migrantes de outros estados, tais como Bahia, Minas Gerais, Goiás e Maranhão. Em 2011 foi realizada pelo Departamento de Saúde Coletiva da Universidade de Brasília (UnB) uma avaliação das condições de vida de catadores de recicláveis da cidade Estrutural. Esta pesquisa, em 204 domicílios com 835 moradores, apontou os mais diversos problemas para a saúde advindos do lixo. Em 2016, foi verificado que 55% das famílias estudadas se mantinham diretamente com alimentos catados do lixo⁵. O balanço criminal registrou nos últimos 5 anos um crescimento do tráfico de drogas, do uso e porte de drogas, posse e porte de armas.

Além das condições críticas já apontadas, observa-se insuficiente referência de área natural, sem o mínimo necessário para uma qualidade de vida conforme preconizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) de no mínimo 12 m² por habitante. Infelizmente a realidade que se apresenta não condiz com o recomendado, é totalmente contrária a situação ambiental do Plano Piloto de Brasília. A Figura 2 apresenta a demarcação em vermelho da Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE) da Vila Estrutural.

Figura 2 – Poligonal em vermelho demarca a ARIE Vila Estrutural



Fonte: Brasília Ambiental, 2018.

As figuras 3 e 4 apontam para o avanço urbano sobre a Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE) da Vila Estrutural, entre os anos de 2010 e 2019.

5 Diagnósticos da desigualdade. Correio Braziliense, Brasília, n. 19.221, 10/01/2016. Cidades, p. 20. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/519636/noticia.html?sequence=1>. Acesso em 27 de fevereiro de 2019.

“Luta, resistência e conquista”:
a extensão universitária no Ponto de Memória da Estrutural, Distrito Federal.

Figura 3 – Cidade Estrutural em imagem de 23 abril 2010.



Fonte: Google Earth Pro

Figura 4 – Cidade Estrutural em imagem de 5 de maio de 2019



Fonte: Google Earth Pro

Uma cidade próxima ao complexo político do poder e ao lado do lixão, literalmente às margens, não somente da via Estrutural, mas às margens de um olhar público e sensível, distante da biofilia e da preservação da vida. O lixão da cidade Estrutural foi oficialmente desativado em 20 de janeiro de 2018, mas ainda há catadores atuando no local de forma clandestina, o que gerou outros graves problemas⁶.

Diante do contexto brevemente apresentado, constituiu-se em 2011 um Ponto de Memória. E diante de um território tão diverso e complexo, como conduzir ações em Museologia Social?

6 Após ser desativado o de Jardim Gramacho, no Rio de Janeiro, o lixão da Estrutural foi considerado o maior lixão a céu aberto da América Latina. Foi desativado em janeiro de 2018, desencadeando outros problemas para as pessoas que até então sobreviviam da coleta seletiva.

2. O Programa Pontos de Memória e o desmembramento na cidade Estrutural/DF

No Brasil, a partir do ano de 2003 ocorreram avanços significativos no que concerne às políticas públicas voltadas à cultura. À época, o Ministério da Cultura (MinC) lançou a Política Nacional de Museus, ampliando nos anos subsequentes as relações entre museu, Estado e sociedade. Neste contexto, no ano de 2009 foi criado o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e neste mesmo ano o Programa Pontos de Memória, por meio de parceria entre o Instituto Brasileiro de Museus, Programa Mais Cultura e Cultura Viva, do Ministério da Cultura, Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (PRONASCI) e a Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI).

Inicialmente o PRONASCI do Ministério da Justiça (MJ) identificou doze comunidades brasileiras com alto índice de vulnerabilidade social que poderiam receber o Programa Pontos de Memória, a saber: São Pedro, em Vitória (ES); Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, no Rio de Janeiro (RJ); Brasilândia, em São Paulo (SP); Taquaril, em Belo Horizonte (MG); Estrutural, no Distrito Federal (DF); Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre (RS); Sítio Cercado, em Curitiba (PR); Terra Firme, em Belém (PA); Jacintinho, em Maceió (AL); Grande Bom Jardim, em Fortaleza (CE); Beiru, em Salvador (BA) e Coque, no Recife (PE). Uma vez definidas as cidades, no ano de 2010 visitas técnicas foram realizadas pelo IBRAM com vistas à sensibilizar a comunidade local para formar a instância deliberativa que seria responsável pela gestão e providenciaria a documentação necessária para a legalização do Ponto de Memória nas respectivas cidades (GOUVEIA, 2011). Inês Gouveia explica que as instâncias deliberativas agiriam de forma a potencializar parcerias e realimentar a rede dos Pontos de Memória que estava se formando e a Teia da Memória. Couberam ao IBRAM as orientações técnicas a respeito da museologia, ao planejamento e à institucionalização oficial do Programa Pontos de Memória em setembro de 2017, disponível no Diário Oficial da União por meio da Portaria nº 315, de 6 de setembro de 2017. Alguns Pontos de Memória receberam oficinas de capacitação em museologia conduzidas pela equipe técnica da Coordenação de Museologia Social e Educação do IBRAM, tendo como linha de ação a Museologia Social, tais como as oficinas “Museu, Memória e Cidadania”, “Plano Museológico”, “Oficina prática de montagem da exposição”. Conforme afirmou Marcelle Pereira⁷ (2011), o objetivo do Programa foi estimular comunidades socialmente vulneráveis a ressignificar sua realidade a partir do direito à memória. Cinthia Oliveira (2016) relata que, mesmo em ritmos de ação diferentes, os doze Pontos passaram pelas seguintes etapas:

1. Identificação.
2. Qualificação (participação em seminários e oficinas).
3. Realização de inventário participativo.
4. Realização de ações museais para compartilhamento e difusão das memórias.
5. Reforço da rede de Pontos de Memória nas Teias Nacionais da Memória. (OLIVEIRA, 2016, p. 9).

Segundo Mario Chagas (2019), uma das exigências era que a proposta do Programa fosse incentivada em comunidades onde já existisse alguma manifestação de memória cultural. Cabe destacar que na cidade Estrutural do Distrito Federal duas iniciativas de memória estavam em andamento antes mesmo do início do Ponto de Memória na localidade.

7 Marcelle Pereira à época era Coordenadora de Museologia Social do Instituto Brasileiro de Museus.

“Luta, resistência e conquista”:

a extensão universitária no Ponto de Memória da Estrutural, Distrito Federal.

A primeira é a formação de acervos bibliográficos a partir da coleta seletiva. No ano de 1990, Abadia Teixeira de Jesus, líder comunitária, e suas irmãs retiraram do lixo cerca de 10.000 livros de várias áreas do conhecimento. No início, os livros eram guardados em caixas de papelão na casa de uma das irmãs, local onde iam muitas crianças e jovens emprestar livros. Na época, o Conselho Tutelar proibiu que o atendimento às crianças ocorresse na casa por não haver uma estrutura adequada, pois no local eram realizadas atividades de reciclagem. A alternativa foi deslocar os livros e emprestá-los embaixo de uma árvore. Nos anos 2000, a líder comunitária construiu uma edificação em alvenaria, utilizando restos de materiais da construção civil e que abrigaria a Biblioteca Comunitária “Catando Palavras”. O cuidado com o livro encontrado no lixo, posteriormente revitalizado, sensibilizou outros catadores que, ao encontrar livros, levavam para a biblioteca que estava sendo formada por Abadia. Este foi um dos mais belos exemplos observados na cidade Estrutural no que concerne à salvaguarda de bens culturais permeada pela resistência e conquista.

Outra iniciativa observada, no ano de 2003, foi a de duas associadas do Círculo Operário do Cruzeiro do DF (COC) que foram à cidade Estrutural e propuseram uma formação de alfabetizadores de jovens e adultos, baseada na proposta de Paulo Freire. À época, 20 moradores da cidade participaram do processo, concluindo nove turmas de alfabetização de jovens e adultos. As formações ocorriam na casa das participantes. Nessa ocasião, Deuzani Noletto conheceu a líder comunitária Abadia Teixeira de Jesus que participou também do processo de formação e foi uma das multiplicadoras do método. Deste encontro, outras iniciativas se sucederam, e iniciaram as discussões sobre a constituição de um movimento de educação e cultura na cidade, sendo então criado, no ano de 2008, o Movimento de Educação e Cultura da Estrutural (MECE). O MECE estimulou outros movimentos na cidade como, por exemplo, a Marcha Mundial de Mulheres e a Teia do Conhecimento, além de promover ações como a organização da primeira Biblioteca Comunitária na Creche da Naná; a organização da Biblioteca Comunitária Catando Palavras, em conjunto com o Instituto Agostin Castejon (IAC) conduziu o Curso de Políticas Públicas e Formação de Liderança; o projeto das Promotoras Legais Populares (PLPs)⁸, a Teia do Conhecimento⁹; o Banco Comunitário; e o Ponto de Memória da Estrutural.

O contato do IBRAM com as lideranças comunitárias na cidade Estrutural ocorreu por intermédio do consultor do Programa, Welcio Toledo¹⁰, em 2008, quando ainda estava sendo tecida a proposta dos Pontos de Memória. Na ocasião, Wélcio de Toledo identificou iniciativas de memória nas cidades periféricas de Brasília e, ao entrar em contato com Deuzani Noletto, foi ao encontro do grupo de alfabetizadores de jovens e adultos na cidade Estrutural. Em 2009 representantes do IBRAM procuraram o MECE e apresentaram a proposta do Programa Pontos de Memória com vistas a estimular ações e iniciativas locais de memória cultural, conforme o IBRAM:

8 “As Promotoras Legais Populares (PLPs), conhecidas em diferentes países da América Latina também como “agentes multiplicadoras de cidadania”, são lideranças comunitárias que escutam, orientam, dão conselhos e auxiliam outras mulheres a ter acesso à justiça e aos serviços que devem ser procurados quando sofrem algum tipo de violação de seus direitos”. Disponível em: <<http://plp.geledes.org.br/o-que-e-uma-promotora-legal-popular/>>. Acesso em: 31 de março de 2017.

9 Reuniões de estudo e pesquisa promovidas pela Universidade Católica de Brasília e pelo Ponto de Memória da Estrutural.

10 Wélcio de Toledo é poeta, escritor e militante das causas sociais no Distrito Federal.

Os Pontos de Memória valorizam o protagonismo comunitário e concebem o museu como instrumento de mudança social e desenvolvimento sustentável. Em estágio pleno de desenvolvimento, são capazes de promover a melhoria da qualidade de vida da população e fortalecer as tradições locais e os laços de pertencimento, além de impulsionar o turismo e a economia local, contribuindo positivamente na redução da pobreza e violência. (IBRAM, site oficial)¹¹.

O MECE acolheu a proposta apresentada pelo IBRAM de constituir um Ponto de Memória na Cidade Estrutural, fazendo então parte dos doze projetos-piloto em comunidades de periferia espalhadas pelo Brasil. No ano de 2010 inúmeras oficinas museológicas foram realizadas pelo IBRAM, sensibilizando a comunidade local a promover seminários e rodas de memória com o objetivo de delinear as primeiras ações e constituir um Ponto de Memória. Em 21 de maio de 2011 foi inaugurado o Ponto de Memória da Cidade Estrutural.

Figura 5 – Inauguração do Ponto de Memória da Estrutural DF



Fonte: Ponto de Memória da Estrutural

Cabe evidenciar que os objetivos do Ponto de Memória se coadunam com a missão do MECE, pois ambos propõem uma ação participativa e dialógica. Desde então, várias ações foram realizadas.

3. Extensão universitária: as ações museais no Ponto de Memória da Estrutural/DF

O primeiro contato entre professores do Curso de Museologia da UnB com as lideranças da cidade Estrutural ocorreu em julho de 2010 durante o 4º Fórum Nacional de Museus, em Brasília-DF com o tema “Direito à Memória, Direito a Museus”. Na ocasião, assisti a uma palestra sobre Museologia Social e a constituição de um Ponto de Memória em cidade periférica e com alto índice de vulnerabilidade social. Ao final foi perguntado à plateia se havia alguém do Curso de Museologia da UnB que pudesse auxiliá-los nesse processo, me identifiquei e assim iniciou a jornada até então desconhecida. Neste mesmo ano, ao tempo em

¹¹ Instituto Brasileiro de Museus. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/acessoainformacao/acoes-e-programas/de-memoria/programa-pontos-de-memoria/>. Acesso em: 20 set. 2019.

“Luta, resistência e conquista”:

a extensão universitária no Ponto de Memória da Estrutural, Distrito Federal.

que o IBRAM realizava as oficinas na Estrutural, ofereci no segundo semestre de 2010, informalmente, vagas na disciplina de conservação para alguns integrantes e interessados do futuro Ponto de Memória. Na época participaram Deuzani Noleto, Abadia Teixeira de Jesus, Adoaldo Dias e Vicente de Paula. Infelizmente eu não havia atentado para o regulamento da UnB que não autoriza alunos ouvintes, sendo a iniciativa interrompida após dois meses de aula. A partir desta situação, ia eventualmente à cidade Estrutural a fim de reencontrá-los.

Ao conhecer a cidade Estrutural, o impacto foi grande, principalmente pelo fato de estar localizada próximo ao Plano Piloto, mas com grande diferença no que diz respeito à qualidade de vida. Ruas estreitas e sem asfalto, casas pequeninas, sem vegetação, apenas uma escola e os altos índices de criminalidade. (CARVALHO, 2018, p. 159).

No ano de 2011, após reunião entre o corpo docente do Curso de Museologia da UnB e representantes do IBRAM, algumas parcerias de pesquisa foram estabelecidas; dentre elas a criação de uma extensão universitária a ser conduzida no Ponto de Memória da Estrutural. Foi criado então o projeto de extensão intitulado “Conservação do acervo do Ponto de Memória da Estrutural”, aprovado na 1ª edição do Edital Fluxo Contínuo de Extensão da UnB, lançado em 16 de junho de 2011. O projeto original aprovado foi posteriormente adaptado de acordo com os interesses da comunidade e com a percepção de que deveríamos trabalhar em uma linha de conservação participativa.

É importante destacar que a extensão universitária conduzida pelos professores do Curso de Museologia da UnB atentou para o que preconiza o Projeto Político Pedagógico Institucional (PPPI) da Universidade de Brasília, revisado em 2018, o qual enfatiza a cogência entre ensino, pesquisa e extensão, além de entender a extensão universitária de forma dialógica entre os sujeitos envolvidos (grifos meus). Isto posto, há troca de saberes e fazeres para um alcance maior dos saberes sociais, sendo beneficiadas no processo tanto a sociedade quanto a universidade, independentemente dos vários contextos socioculturais e locais em que é aplicada, conforme o PPPI: “[...] integram-se processos educativos, culturais e científicos que articulam ensino e pesquisa e viabilizam a relação da universidade com as demandas sociais” (UnB, 2017, p. 31).

Uma das questões que surgiram durante a adaptação do projeto extensionista foi: como abordar a questão da conservação de acervos, considerando a realidade local? Para esta questão é importante notar que a realidade é multidimensional, pois contém várias dimensões que deverão ser consideradas, não somente a social, mas também a individual, a biológica, a econômica, a psicológica, a demográfica, a cultural etc., sendo importante considerá-la no conjunto, sem isolar uma da outra, mas tornando-a comunicante (MORIN, 2007).

Desta forma, em todas as atividades conduzidas até então procurou-se compreender esta multidimensionalidade, as atividades foram realizadas respeitando as diferenças, fazendo a escuta do outro, entendendo o tempo de absorção do fazer de cada um, construindo juntos as ações museais que foram propostas no decorrer dos anos, dentre elas a Oficina de *Patchwork* (2011); a Exposição rerepresentada na UnB “Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquista” (2011); o Inventário Participativo (2011-2018); a Editora Abadia Catadora (2011-2019); participação na exposição “Movimentos da Estrutural: a mulher e a cidade” (2012). Em todas as ações citadas, estudantes do Curso de

Museologia participaram ativamente e temas da conservação foram trabalhados de forma transversal. Além destas atividades, ocorreram seminários na UnB e no Ponto de Memória de forma a integrar pessoas e ações, e rodas de memória.

E novembro de 2012 tivemos a grata visita de Hugues de Varine que ficou impressionado com a diversidade do encontro e apontou a biofilia na presença não somente de catadores e seus animais companheiros cachorros e gatos, como também nas memórias reveladas nas narrativas dos moradores e na demonstração de carinho por parte da comunidade. Segundo Varine, esta dinâmica vivenciada já caracterizava o Ponto de Memória como *Museu Comunitário* com base na Museologia Social. (Figura 6)

Figura 6 - Visita de Hugues de Varine ao Ponto de Memória da Estrutural em 27 de novembro de 2012.



Fonte: Ponto de Memória da Estrutural.

Das atividades realizadas, discorreremos sobre três delas: a Oficina de Patchwork (2011); a Exposição rerepresentada na UnB “Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquista” (2011) e a “Editora Abadia Catadora”.

A primeira ação realizada foi a oficina de patchwork, técnica que utiliza retalhos de tecidos que podem ser reaproveitados para confecção de peças artesanais. A atividade foi conduzida pela professora doutora Ana Lúcia de Abreu Gomes que, para além da técnica, introduziu o reconhecimento de tecidos, as fibras naturais e sintéticas, a sua melhor aplicabilidade, além de orientar quanto ao processo da costura, o direcionamento de trama e urdidura, cuidados com os processos de higienização aquosa e secagem, visando uma maior permanência do têxtil (CARVALHO, 2018). O nosso maior aprendizado foi introduzir temas transversais da conservação museológica nesta e em outras atividades realizadas.

“Luta, resistência e conquista”:

a extensão universitária no Ponto de Memória da Estrutural, Distrito Federal.

Figura 7 – Professora Ana Abreu durante realização da oficina



Fonte: Ponto de Memória (2011). Foto: Silmara Küster

A Exposição “Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquista”, que inaugurou o Ponto de Memória em maio de 2011, foi reapresentada em outubro do mesmo ano, por ocasião da Semana de Extensão da UnB, na Biblioteca Central (BCE), agregando à exposição uma síntese das experiências vivenciadas por estudantes e professores nas atividades extensionistas. No planejamento da exposição ficou definida a participação do artista Tiago Martins, morador e participante do Ponto de Memória. O artista produziu na técnica do grafite um painel compondo a exposição na BCE. A Figura 8 mostra o artista com o trabalho finalizado.

Figura 8 – Grafite executado por Tiago Martins



Fonte: Ponto de Memória da Estrutural (2011). Foto: Silmara Küster.

Estudantes da disciplina Museologia e Preservação I realizaram em conjunto com os participantes do Ponto de Memória um diagnóstico de conservação, apontando para as necessidades do que seria exposto. Os estudantes realizaram higienização mecânica da “Pipa”, símbolo do Ponto de Memória, criada em material frágil, foram removidos excrementos de insetos e sujidades superficiais, além de sofrer reestruturação a rabiola (Figuras 9 e 10). Esta atividade propiciou aos estudantes da disciplina realizar procedimentos em materiais diversos, como o papel de seda, as hastes de madeira e o plástico da rabiola (CARVALHO, 2018: 169).

Figura 9 – Estudantes do Curso de Museologia no processo de higienização da Pipa



Foto: Silmara Küster

Figura 10 – Estudantes do Curso de Museologia no cuidado com a rabiola da Pipa



Foto: Silmara Küster (2011).

Cabe evidenciar que a desmontagem da exposição no Ponto de Memória e a remontagem na BCE somente foram possíveis a partir da integração entre a comunidade acadêmica e integrantes do Ponto de Memória da Estrutural. Durante a Semana de Extensão na UnB foi realizado pelos integrantes do Ponto de Memória um teatro de bonecos que estimulou o debate sobre temas rela-

“Luta, resistência e conquista”:

a extensão universitária no Ponto de Memória da Estrutural, Distrito Federal.

cionado a moradia, a invasão, a proximidade do lixão e a preservação ambiental. Alguns depoimentos foram pronunciados por alunos da Faculdade de Ciência da Informação que são residentes na cidade Estrutural relatando os diversos problemas enfrentados na cidade.

Outra ação, que será descrita a seguir, é a Editora Popular Abadia Catadora. A inspiração para a criação de uma editora pelo Ponto de Memória decorreu do incentivo do museólogo, poeta e professor doutor Mário Chagas, após conhecer a Cooperativa Editorial Eloísa Cartonera, criada em 2003 e localizada no bairro La Boca, em Buenos Aires, Argentina. O objetivo desta editora é divulgar a literatura latino-americana a partir da produção de livros artesanais. Ao vislumbrar a possibilidade de criar uma editora, os integrantes do Ponto de Memória iniciaram novas conexões estabelecendo parcerias com a Embaixada da Argentina. No ano de 2011 integrantes da Editora Eloísa Cartonera realizaram no Ponto de Memória oficinas de editoração de livros artesanais, nos moldes da editora argentina (Figura 11).

Figura 11 – 1ª. Oficina de livro artesanal com a editora Eloisa Cartonera realizada no Ponto de Memória em 20 de novembro de 2011



Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF

Em 2011, integrantes do Ponto de Memória decidiram criar a Editora Abadia Catadora, sendo que o lançamento oficial ocorreu na 1ª Bienal do Livro de Brasília, no dia 15 de abril de 2012 (Figura 12).

Figura 12 – Integrantes da Editora Abadia Catadora no lançamento oficial



Fonte: Ponto de Memória da Estrutural (2012).

O nome escolhido para a editora é uma homenagem à líder comunitária Abadia Teixeira de Jesus. Destaca-se que é uma característica das editoras populares nomear mulheres cuja ação na localidade é representativa. Inspirada na sua congênere argentina, são produzidos livros artesanais, reutilizando papelão, além de realizar várias ações em seu desmembramento. A filosofia da Editora é a gestão compartilhada com vista à economia solidária e o desenvolvimento local. Tem como missão estimular a preservação da memória social e coletiva por meio do lançamento de escritores locais, além de disseminar a leitura e escrita criativa.

A primeira publicação da Editora Popular do Distrito Federal foi o livro *De mãos abertas e punhos erguidos*, do autor Carlos Rodrigues Brandão, com a parceria da Editora Popular Eloisa Cartonera, do Grupo Microrrevoluções, do Itamaraty e do Instituto Cervantes. Seguiram-se: *Cinco dificuldades de escrever sobre a verdade* (2011), de Bertolt Brecht – tradução de Vitor Pordeus; o conto “A menina e o rio” (2012), de Almir Gomes, escritor popular, morador da cidade Estrutural; *Sem Rosto, Família ou Nome* (2013), de Markão Aborigene; *Interação Poesias*, de Cassiano Nunes (2016).

Os textos em sua maioria são poéticos e políticos, muitas vezes traduzem a indignação da população e o descaso por parte do Estado com as comunidades marginalizadas, ora a dor, ora a esperança, ora o sonho. “Do lixão nasce a dor” é um rap de autoria de Markão Aborigene, do livro *Sem Rosto, Família ou Nome*, que descreve o lixão do DF localizado na cidade Estrutural e traz à reflexão uma síntese da dor vivenciada pelo autor no local, quando lá trabalhou como Conselheiro Tutelar:

Do lixão nasce a dor
As pipas dividem espaço com urubus
Na pista não há rolimãs, mas carretas.
O dia se passa em pouca luz
Se respira em um eclipse de poeira
Lonas, madeiras, pedaços de telha, pregos expostos.

“Luta, resistência e conquista”:

a extensão universitária no Ponto de Memória da Estrutural, Distrito Federal.

O piso batido, fios, emendas, sustentam esforços.
 Trabalho diário, raro descanso, sonho pretérito.
 Pra que no futuro não haja trator ou tumulto, a derrubar o lar, o teto.
 Singela morada que externiza orgulho
 Apenas uns palmos num canto do mundo
 Apenas a mata que fica nos fundos
 Da câmara, senado, ou debaixo de viadutos.
 Sobras de obras viram carroças que por horas trafegam
 Levam pra casa o que sua casa nega
 O resto, o podre, o que se perdeu, que a promoção não vendeu.
 Fora de moda agora são velhas
 A compra do voto em camisa impressa
 Comumente usada de sul a norte
 Trazem a certeza de falsas promessas
 Pois vestem elas e não uniformes
 Pro aumento da renda a infância não dorme
 Na noite procura, vasculha o lixo.
 Aguarda descarga proveniente do shopping
 Mas o cansaço é forte acaba dormindo
 Em cima do monte de produto vencido
 Faz deste mesmo lixo o seu cobertor
 Ao amanhecer família chora
 Criança foi morta, esmagada por um trator.
 Markão Aborígene¹² (2013, p. 2).

Em uma perspectiva de conservação participativa, procurou-se na ação extensionista, desde o início da editora, trabalhar aspectos técnicos sendo algumas atividades conduzidas no Laboratório de Conservação (LACON) do Curso de Museologia da UnB, localizado no Setor de Restauração da BCE/UnB. Assim, integrantes da Editora Abadia Catadora participaram de várias atividades de produção de papel livre de ácido e atividades de costura e encadernação, estimulando novas possibilidades e experimentos na editoração e publicação de livros artesanais. (Figuras 13 e 14)

Figura 13 – Produção de papel na Biblioteca Central/UnB



Foto: Silmara Küster (2016).

12 Markão Aborígene é militante da cultura *hip-hop*, além de ser *rapper*, poeta e escritor. Seu nome artístico reflete nas letras que compõe o ser autóctone, nativo, militante social a denunciar por meio do seu trabalho a luta contra a corrupção e as injustiças sociais. Segundo Markão Aborígene, sua inspiração para arte se deve a sua ancestralidade, seu avô foi cordelista.

Figura 14 – Encadernação Biblioteca Central/UnB**Foto:** Silmara Küster (2016).

Na Casa dos Movimentos são realizados os encontros poéticos, a leitura de livros de escritores locais, a confecção de capas em papelão, a encadernação simples, as oficinas de pintura e as reuniões da editora. A diagramação é produzida em computador na casa de um dos voluntários e a impressão, em gráficas de Brasília. O papelão utilizado na capa dos livros é adquirido de catadores. Os papéis reciclados são oriundos da coleta seletiva. As figuras 15 a 18 apresentam alguns momentos da Editora Abadia Catadora em atividade no Ponto de Memória.

Figura 15 - Pintura em suporte de papelão**Foto:** Silmara Küster (2015)

“Luta, resistência e conquista”:
a extensão universitária no Ponto de Memória da Estrutural, Distrito Federal.

326

Figura 16 - Oficina de criação



Foto: Silmara Küster (2015).

Figura 17 - Oficina de criação com crianças da redondeza



Foto: Silmara Küster (2015).

Figura 18 – Pintura em suporte de papelão para o livro “De mãos abertas e punhos erguidos”, do autor Carlos Rodrigues Brandão

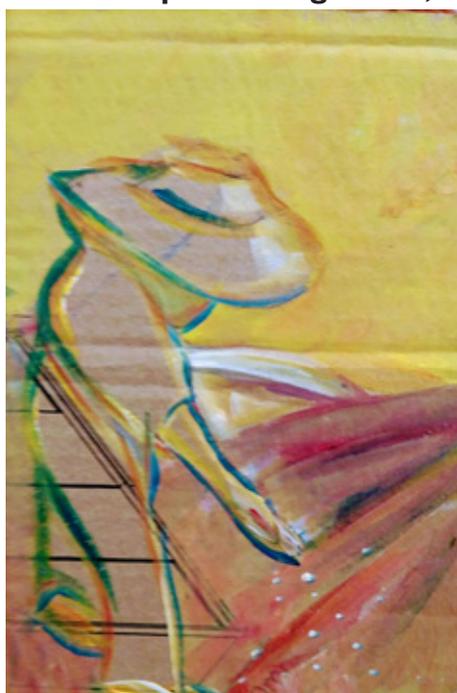


Foto: Silmara Kuster (2016).

Entre 2012 e 2019 foram realizados quatro encontros poéticos. Em cada edição a poesia marginal se revela com os mais variados temas, na voz dos incluídos da emoção por meio da Editora Abadia Catadora, ação museal do Ponto de Memória da Estrutural.

Figura 19 – Poeta marginal, Fernando Borges apresentando seu trabalho no IV Sarau de Poesia – Cassiano Nunes



Foto: Silmara Küster (2016).

Desta forma, os princípios da editora se configuram com vistas à estimular a autogestão, a economia solidária e a sustentabilidade ambiental. No entanto, a editora ainda tem trabalhado de forma “caseira” e sem uma estrutura que viabilize e potencialize a produção dos livros a fim de estimular também a geração de trabalho e renda que possa ser revertida para os seus fins e dos participantes que a ela se dedicam.

Para proporcionar a autonomia e a sustentabilidade da editora, ainda há necessidade de aquisição de equipamentos para a reciclagem de papel, como prensas, bastidores para a costura dos exemplares, bancadas de trabalho, computadores, impressoras e o oferecimento de cursos de capacitação para atrair novos integrantes, moradores da cidade Estrutural, que possibilite novas frentes de trabalho para a editora, além de ampliar o horizonte profissional dos participantes.

Algumas considerações

Ao longo do processo extensionista no Ponto de Memória da Estrutural foi oportuno conhecer pessoas extraordinárias a se reinventarem a partir do lixo oriundo da coleta seletiva e da arte. Alguns exemplos ficaram conhecidos pelo Ponto de Memória após a realização do Inventário Cultural, realizado entre os anos de 2015 e 2017. Como é o caso das artesãs, a ressignificarem o lixo em sua produção artesanal; a potência de jovens a buscar novos caminhos, onde, mesmo convivendo em meio ao tráfico de drogas e violência, ao ter acesso aos livros retirados do lixo, transformaram suas vidas e hoje, além de contribuir com ações no Ponto de Memória, se dedicam ao sonho de mudar a mentalidade local; é a contínua luta das lideranças por uma vida digna, pelo direito à escola, ao trabalho, à moradia etc. São apenas exemplos que evidenciam a importância

“Luta, resistência e conquista”:

a extensão universitária no Ponto de Memória da Estrutural, Distrito Federal.

de espaços como o Ponto de Memória.

É importante compreender que a aplicação da Museologia Social em comunidades como a cidade Estrutural é processual, lenta, difícil de mobilizar, tendo em vista a característica local e a “lei de sobrevivência” que ali impera. No entanto, ela tem a força de pulsar junto com a comunidade.

A cidade Estrutural no DF não é o meu território de origem, mas considero nosso. É paradoxal, ao mesmo tempo em que está tão perto do centro do poder político, está tão longe deste mesmo centro político que não se preocupa em criar políticas públicas voltadas a sua população. A holografia da cidade Estrutural se reproduz de norte a sul do país sem um olhar sensível da preservação do seu maior patrimônio que é a vida.

É importante dividir um pouco desta realidade presente desde o início da construção da capital federal do Brasil. Aqui bem perto, a apenas 15 quilômetros, nasceu uma comunidade anônima a partir da atividade da coleta seletiva, na expectativa da sobrevivência digna foram em busca de restos, dos descartes, daquilo que não serve mais. No entanto, deram significado, fizeram de sua ação “a luta, a resistência e a conquista”. É preciso uma reflexão individual e isto exigirá muito de cada um de nós. A museologia tem que ser uma museologia para a vida.

Reafirmo que ao fazer a vivência na Museologia Social em comunidades foi possível perceber que somente há democracia quando não silenciarmos o direito de intervir e decidir do outro sobre seu patrimônio e memória. Esta percepção também nos modifica, ampliamos o olhar, experienciamos a transdisciplinaridade e passamos a compreender que o que está entre, através e além da museologia é o Ser do ser humano, sua memória e história.

Referências

- ABORÍGENE, Markão. *Sem Rosto, Família ou Nome*. Brasília: Editora Popular Abadia Catadora, 2013.
- CARVALHO, Silmara Kuster de Paula. Museologia Social e direitos humanos: a extensão universitária como exercício de cidadania. In: MAGALDI, Monique; BRITTO, Clovis Carvalho (Orgs.). *Museus e Museologia: desafios de um campo interdisciplinar*. Brasília: FCI-UnB, 2018, p. 159-175.
- CHAGAS, Mario de Souza. *Entrevista concedida à pesquisadora*. São José dos Campos-SP, 12 de janeiro de 2019.
- CHAGAS, Mario de Souza. *Palestra na abertura do VII Seminário de Investigação em Sociomuseologia*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal, fevereiro de 2017.
- CODEPLAN. *Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD) 2015*. Disponível em: http://www.CODEPLAN.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/pesquisa_socioeconomica/Pdad/2016/Apresentacao_PDAD_Estrutural.pdf. Acesso em: 07 jun. 2017.
- DECLARAÇÃO do MINOM Rio 2013. XV Conferência Internacional do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), Rio de Janeiro, Museu da República, Museu da Maré e Museu de Favela em 2013. Disponível em: <http://www.minom-icom.net/files/declaracao-do-rio-minom.pdf>. Acesso em: 26 set 2019.
- GOUVEIA, Inês. *Relatório de sistematização e registro das estratégias e processos testados no âmbito da implementação do projeto Pontos de Memória, contendo plano de registro de memória das próximas ações. Produto 7*. Brasília: MinC/Ibram, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/acessoainformacao/acoes-e-programas/de-memoria/programa-pontos-de-memoria/>. Acesso em: 20 set 2019.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2007.

OLIVEIRA, Cinthia Maria Rodrigues. Apresentação. In: *Pontos de Memória - metodologia e práticas em Museologia Social*. Brasília: Phábrica, 2016.

PEREIRA, Marcelle. *Entrevista para a reportagem IBRAM ajuda os moradores da Estrutural a preservarem sua história*. TV NBR, 11 de abril de 2011.

SANTOS, Caroline Soares. *Área de risco ou área de rico: teorias sobre política, direito e respeito na cidade Estrutural*. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2007.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Projeto Político Pedagógico Institucional (PPPI)*, 2017. Disponível em: http://www.deg.unb.br/images/dtg/cil/legislacoes/Projeto_Pol%C3%ADtico-_Pedag%C3%B3gico_Institucional_da_Universidade_de_Bras%C3%ADlia_2018.pdf. Acesso em: 03 mar. 2019.

Recebido em 01 de agosto de 2019
Aprovado em 30 de setembro de 2019